

O Ensino de Gramática: uma prática ainda muito necessária

Afrânio DA SILVA GARCIA
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1. INTRODUÇÃO

Devido a uma postura que se supõe inovadora, mas que é simplesmente equivocada, muitos professores e estudiosos da língua portuguesa, principalmente aqueles que lidam com português como língua estrangeira, negam a importância do ensino de gramática e pregam cursos voltados especificamente para o aprendizado da fala ou da escrita do português *sem gramática*.

Neste trabalho, procuraremos mostrar a importância do ensino de gramática do português em suas três dimensões: a gramática como *sistema* (COSERIU 1980: 119-125), ligada à noção de *língua* (SAUSSURE 2006: 26-29), a gramática como *norma* (COSERIU 1980: 119-125), e a gramática como *regra* (cf. os parâmetros de correção e propriedade).

A *gramática como sistema* será demonstrada tanto pelos pares opositivos *pretérito perfeito x pretérito imperfeito* no português e *presente perfect x past simple* no inglês quanto pela diferença entre o *sistema tríplice* de pronomes demonstrativos no português e o *sistema dúplice* de pronomes demonstrativos do inglês.

A *gramática como norma* será demonstrada pela *possibilidade de dupla negativa* no português e pela *impossibilidade de dupla negativa* no inglês (ao menos, no inglês padrão) além das *diferentes restrições na colocação dos determinantes* em ambas as línguas.

A gramática como regra será demonstrada pelas regras de ortografia e pelas maneiras distintas de representar determinados elementos que constituem exceções às regras internalizadas decorrentes do sistema ou às regras de aplicabilidade, frequência e uso decorrentes da norma, tais como a colocação dos pronomes átonos, a concordância verbal e nominal, o léxico especializado, como formas de coletivo e de feminino, etc., em que o interesse geral e instrumental da utilização da língua levará, forçosamente, a uma artificialização no seu emprego.

Em nossos exemplos, utilizaremos uma interrogação entre parênteses (?) para indicar uma enunciação pouco aceitável e asterisco entre parênteses (*) para indicar uma enunciação inaceitável.

2. GRAMÁTICA COMO SISTEMA

Utilizaremos aqui a noção de sistema no sentido em que ela é empregada por Coseriu, numa releitura do termo saussuriano *langue*, querendo dizer o conjunto de noções, estruturado em relações de oposição e combinação, introjetado no falante de uma língua e que o habilitam a falar. Ora, diferentes línguas têm diferentes sistemas gramaticais e esta gramática intuitiva deverá ser ensinada a todos aqueles que não são expostos a uma língua de maneira natural em sua primeira infância.

Uma das diferenças mais marcantes entre o português e o inglês concernente ao seu sistema linguístico é a diferença entre a distinção fundamental entre os tempos do passado, que no português opõe o pretérito perfeito ao pretérito imperfeito e no inglês opõe o *simple past* ao *presente perfect*. Só que estas oposições são completamente díspares, visto que:

a) O traço distintivo entre o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito do português é seu aspecto (COMRIE 1978: 16-40; 52-65), que no primeiro caso é *perfectivo*, ou seja, a situação “é apresentada como um *todo único*, sem consideração para sua constituição temporal interna”, enquanto no segundo caso é *imperfectivo*, em que a situação “é apresentada com ênfase na sua constituição temporal interna, desenvolvendo-se através de sucessivas etapas ou instâncias repetidas”, como podemos constatar nos exemplos:

- 1) “Nós jogamos bola ontem.” (o verbo está no pretérito perfeito porque a situação é vista simplesmente como um *todo*, sem interesse no seu desenvolvimento)

- 2) “A criança já *almoçou*?” (o verbo está no *pretérito perfeito* porque a situação é vista como um *fato*: a criança almoçou ou não almoçou?)
- 3) “Eu *ouvi* tudo.” (o verbo está no *pretérito perfeito* porque a situação é vista como uma *afirmação*, sem discorrer sobre seu desenvolvimento)
- 4) “Ela *viagou* para Xangai.” (o verbo está no *pretérito perfeito* porque a situação é vista como uma *declaração*, sem discorrer sobre seu desenvolvimento)
- 5) “Nós *jogávamos* bola quase todo dia.” (o verbo está no *pretérito imperfeito* porque a situação é vista como um *hábito* ou *costume*)
- 6) “A criança *almoçava* com prazer.” (o verbo está no *pretérito imperfeito* porque a situação é vista como *comportando várias etapas*)
- 7) “Eu *ouvia* tudo.” (o verbo está no *pretérito imperfeito* porque a situação é vista como um *hábito* ou *costume*)
- 8) “Ela *viajava* para Xangai.” (o verbo está no *pretérito imperfeito* porque a situação é vista como um *hábito* ou *costume*)

Para confirmar essa diferença entre os usos do pretérito perfeito, para situações vistas como um todo único, e do pretérito imperfeito, para situações compostas de várias etapas ou instâncias, podemos verificar a impossibilidade ou pouca aceitabilidade da troca do pretérito nos exemplos abaixo:

- 9) “Nós *jogávamos* bola ontem.” (?) (só é aceitável se a situação comportar uma longa duração ou, preferencialmente, uma interrupção: quando fomos chamados, etc.)
- 10) “A criança já *almoçava*?” (*)
- 11) “Ela *sorriu* constantemente.” (?) (só é aceitável se a situação comportar uma longa duração e o ato de sorrir for, de certa forma, inesperado)
- 12) “Ela *sorria* uma única vez.” (*)

É interessante notar que o *pretérito imperfeito* é a forma correta para *hábitos* ou *costumes*, mas que a *simples repetição* de uma situação deverá ser expressa pelo *pretérito perfeito*, já que teremos situações vistas como um *todo único* que se repetem de maneira *esporádica*, como nos exemplos abaixo:

- 13) “A plateia *aplaudiu* três vezes.”
- 14) “A plateia *aplaudia* três vezes.” (*) (como a repetição é eventual, não se pode usar o pretérito imperfeito)
- 15) “Já *vi* esse filme mais de dez vezes.”

16) “Já *via* esse filme mais de dez vezes.” (*) (como a repetição é eventual, não se pode usar o pretérito imperfeito)

b) A diferença entre o *past simple* e o *present perfect*, por outro lado, baseia-se na *especificação do tempo* (momento ou período) da situação, que aparece no *past simple* e não aparece no *present perfect*, como podemos ver nos exemplos:

17) “I *studied* yesterday.” (o verbo está no *past simple* porque vem explícito o tempo da situação: *yesterday*)

18) “They *travelled* last Sunday.” (o verbo está no *past simple* porque vem explícito o tempo da situação: *last Sunday*)

19) “We *met* Pedro and Sílvia in July.” (o verbo está no *past simple* porque vem explícito o tempo da situação: *in July*)

20) “I *have studied* the lesson.” (o verbo está no *present perfect* porque *não vem explícito* o tempo da situação)

21) “They *have travelled* to Europe.” (o verbo está no *present perfect* porque *não vem explícito* o tempo da situação)

22) “We *have met* Pedro and Sílvia in the supermarket.” (o verbo está no *present perfect* porque *não vem explícito* o tempo da situação)

O *present perfect* tem ainda outro emprego, para indicar uma *situação que começou no passado e se estende até o presente*. Neste sentido, seus equivalentes no português serão o *pretérito perfeito composto* (*ter* no presente + *particípio passado* do verbo principal, mais comum em situações habituais) ou o *presente do indicativo* (mais comum em situações durativas), como podemos ver nos exemplos:

23) a. “I *have lived* in Botafogo since 1997.” (present perfect)

b. “Eu *tenho morado* em Botafogo desde 1997.” (pretérito perfeito composto)

c. “Eu *moro* em Botafogo desde 1997.” (presente do indicativo)

24) a. “They *have seen* each other frequently.” (present perfect)

b. “Eles *têm se visto* frequentemente.” (pretérito perfeito composto)

c. “Eles *se veem* frequentemente.” (presente do indicativo)

25) a. “He *has been* my friend since 1968.” (present perfect)

b. “Ele *tem sido* meu amigo desde 1968.” (pretérito perfeito composto)

c. “Ele *é* meu amigo desde 1968.” (presente do indicativo)

Outra distinção que diz respeito à língua como *sistema* seria a distinção entre o *sistema de pronomes demonstrativos do inglês* e o *sistema de pronomes demonstrativos do português*, como veremos a seguir:

a) O sistema de demonstrativos do inglês é dual ou *dúplice*, baseado em apenas uma distinção: a *proximidade do falante*. Assim sendo, teríamos apenas dois pares opositivos, um para o singular: *this* x *that*, e outro para o plural: *these* x *those*. *This* e *these* indicariam seres ou coisas *próximas ao falante* (espacial ou intelectualmente), ao passo que *that* e *those* indicariam seres ou coisas mais ou menos *distantes do falante* (espacial ou intelectualmente), como nos exemplos:

- 26) “*This* apartment is good.” (usamos *this* porque o falante está *dentro ou próximo* do apartamento)
- 27) “*This* is my girl.” (usamos *this* porque o falante está *próximo*, física ou intelectualmente, da garota)
- 28) “*This* idea is good.” (usamos *this* porque o falante está *próximo*, intelectualmente, da ideia)
- 29) “*That* apartment is good.” (usamos *that* porque o falante está *distante* do apartamento)
- 30) “*That* is your girl.” (usamos *that* porque o falante está *distante*, física ou intelectualmente, da garota)
- 31) “*That* idea is good.” (usamos *that* porque o falante está *distante*, intelectualmente, da ideia)
- 32) “*These* cakes are good.” (usamos *these* porque o falante está *próximo* dos bolos)
- 33) “*Those* cakes are good.” (usamos *those* porque o falante está *distante* dos bolos)

b) O sistema de demonstrativos do português, por sua vez, baseia-se numa distinção *tríplice*: *perto do falante*, *perto do ouvinte* e *distante tanto do falante quanto do ouvinte*, determinando a presença de *tríades* opositivas: *este*, *esse*, *aquele* (com variantes de feminino: *esta*, *essa*, *aquela*, e neutro: *isto*, *isso*, *aquilo*) e *estes*, *esses*, *aqueles* (com variantes de feminino: *estas*, *essas*, *aquelas*), como nos exemplos:

- 34) “*Esta* casa é boa.” (o falante está *dentro ou próximo* da casa)
- 35) “*Esse* vestido ficou lindo.” (o ouvinte está *dentro ou próximo* do vestido)
- 36) “*Este* é o meu conselho.” (o falante está *próximo*, intelectualmente, do conselho)
- 37) “*Essa* ideia é boa.” (o ouvinte está *próximo*, intelectualmente, da ideia)

- 38) “*Isso* é coisa de maluco.” (o ouvinte está *próximo*, intelectualmente, da ideia)
- 39) “*Estes* discos são ótimos.” (o falante está *próximo*, física ou intelectualmente, dos discos)
- 40) “*Aqueles* jovens são baderneiros.” (tanto o falante quanto o ouvinte estão *distantes*, física ou intelectualmente, dos jovens)
- 41) “*Aquelas* meninas estão olhando para a gente.” (tanto o falante quanto o ouvinte estão *distantes*, física ou intelectualmente, das meninas)

Embora atualmente haja certa confusão entre *este* e *esse* (e suas variantes), usando-se ambos tanto para *próximo ao falante* quanto *próximo ao ouvinte*, sua distinção mantém-se bastante íntegra no campo intelectual, com *este*, *esta*, *isto* marcando a *aproximação/aprovação* por parte do falante e *esse*, *essa*, *isso* marcando o *distanciamento/desaprovação* por parte do falante, como nos exemplos:

- 42) “Quem é *essa* mulherzinha?” (pejorativo)
- 43) “Quem é *esta* mulherzinha?” (implica aprovação, talvez até carinho)
- 44) “*Isso* é coisa que se diga?” (implica reprovação, censura)
- 45) “*Isto* é que é amigo!” (implica aprovação, admiração)

3. GRAMÁTICA COMO NORMA

Existem traços gramaticais que se vinculam não ao *sistema* da língua, mas à sua *norma* (ao seu uso consolidado através da história), como é o caso da *impossibilidade de dupla negativa* no inglês e da *possibilidade de dupla negativa* no português, como veremos a seguir.

a) No inglês, ao menos no *inglês padrão*, a *negativa* só pode ser feita de uma maneira: ou *nega-se o verbo*, ou emprega-se um *pronome indefinido de valor negativo*. Em geral, a forma com o *pronome indefinido de valor negativo* tem um valor enfático se comparada à *negativa do verbo*, sendo o uso das duas formas visto como *pouco aceitável* ou *inaceitável*, como nos exemplos:

- 46) “I *haven't* (any) money.” (indica uma negativa com pouca ênfase)
- 47) “I *have no* money.” (indica uma negativa mais enfática)
- 48) “I *haven't no* money.” (*) (inaceitável)
- 49) “She *doesn't care* for anybody.” (indica uma negativa com pouca ênfase)

50) “She cares for *nobody*.” (indica uma negativa mais enfática)

51) “She *doesn’t care* for *nobody*.” (*) (inaceitável)

b) No português, a *norma linguística* repudia o uso da negativa única, apenas no pronome indefinido. A *norma* é a *dupla negativa*, no verbo e no pronome indefinido. Se quisermos negar o verbo somente sem negar o pronome indefinido de pessoa ou coisa, teremos que inverter a ordem dos termos e dizer *pessoa alguma* ou *coisa alguma* (sendo que esta inversão, como só ocorre nestes casos, é identificada com a negativa e não é normalmente aceita com verbo na afirmativa), gerando uma *negativa enfática*, como podemos ver nos exemplos.

52) “Eu *não tenho nenhum* dinheiro.” (fórmula padrão)

53) “Eu *não tenho dinheiro algum*.” (indica uma negativa enfática)

54) “Eu *tenho nenhum* dinheiro.” (*) (inaceitável)

55) “Elas *não conheciam ninguém*.” (fórmula padrão)

56) “Elas *não conheciam pessoa alguma*.” (indica uma negativa enfática)

57) “Elas *conheciam ninguém*.” (*) (inaceitável)

58) “Ele *não sabe nada*.” (fórmula padrão)

59) “Ele *não sabe coisa alguma*.” (indica uma negativa enfática)

60) “Ele *sabe nada*.” (*) (inaceitável)

Já com relação ao *sujeito*, tanto o *inglês* quanto o *português* seguem a mesma *norma*: sujeitos representados por *pronome indefinido negativo* são sempre seguidos por *verbos na afirmativa*, como nos exemplos:

61) a. “*Nobody came*.” (fórmula padrão)

b. “*Nobody didn’t come*.” (*) (inaceitável)

62) a. “*Nothing has happened*.” (fórmula padrão)

b. “*Nothing hasn’t happened*.” (*) (inaceitável)

63) a. “*Ninguém veio*.” (fórmula padrão)

b. “*Ninguém não veio*.” (*) (inaceitável)

64) a. “*Nada aconteceu*.” (fórmula padrão)

b. “*Nada não aconteceu*.” (*) (inaceitável)

O português admite *dupla negativa*, no entanto, se o sujeito vier depois do verbo, o que é impossível no inglês, como nos exemplos:

65) a. “*Não veio ninguém*.” (fórmula padrão)

b. “*Didn’t come nobody*.” (*) (inaceitável)

- 66) a. “*Não aconteceu nada.*” (fórmula padrão)
 b. “*Hasn’t happened nothing.*” (*) (inaceitável)

Outro ponto importante da gramática relacionado à norma da língua é a *colocação dos determinantes nominais e verbais*, como os adjetivos e advérbios. De maneira geral, os adjetivos determinantes no inglês *só podem vir antes do termo que determinam*, como nos exemplos abaixo:

- 67) a. “He has a *big* house.” (Ele tem uma casa grande.)
 b. “He has a house *big.*” (*)
- 68) a. “She is a *beautiful* girl.” (Ela é uma moça bonita.)
 b. “She is a girl *beautiful.*” (*)
- 69) a. “It is a *long* way.” (Este é um caminho longo)
 b. “It is a way *long.*” (*)
- 70) a. “He has a *strong* personality.” (Ele tem uma personalidade forte.)
 b. “He has a personality *strong.*” (*)

No entanto, existem algumas raras exceções, como adjetivos oriundos de verbos ou adjetivos relacionados a quantificadores ou pronomes indefinidos, os quais podem ocorrer depois do termo que determinam (LEECH & SVARTVIK 1975: 221-222):

- 71) a. “This is one of the problems *involved* in the scheme.”
 (Este é um dos problemas envolvidos no esquema.)
 b. “This is one of the *involved* problems in the scheme.” (*)
- 72) a. “The dogs *easiest to teach* are Labrador retrievers.”
 (Os cães mais fáceis de treinar são os Labradores)
 b. “The *easiest to teach* dogs are Labrador retrievers.” (*)
- 73) a. “All the persons *present* in the meeting were in favour of the proposal.”
 (Todas as pessoas presentes ao encontro foram a favor da proposta.)
 b. “All the *present* persons in the meeting were in favour of the proposal.” (*)
- 74) a. “Is there anything *interesting* in the papers today?”
 (Há alguma coisa interessante nos jornais hoje?)
 b. “Is there *interesting* anything in the papers today?” (*)

Já com relação à língua portuguesa, apesar de a colocação padrão do adjetivo determinante ser depois do elemento determinado, ela não é a única, havendo muitos adjetivos que podem vir antes do termo que determinam, como podemos constatar abaixo:

- 75) a. “Ele tem uma casa *grande*.”
b. “Ele tem uma *grande* casa.” (percebe-se que não é a colocação padrão, mas é aceitável)
- 76) a. “Ela é uma moça *bonita*.”
b. “Ela é uma *bonita* moça.” (percebe-se que não é a colocação padrão, mas é aceitável)
- 77) a. “Este é um caminho *longo*.”
b. “Este é um *longo* caminho.” (tão aceitável quanto a colocação padrão)
- 78) a. “Ele tem uma personalidade *forte*.”
b. “Ele tem uma *forte* personalidade.” (tão aceitável quanto a colocação padrão)

Adjetivos de localização, ordenação ou quantificação, ao contrário dos demais, tendem a ter como colocação padrão a posição antes do substantivo. Sua colocação depois do substantivo, embora possível, provoca estranheza.

- 79) a. “Eles ficarão no Rio até a *próxima* semana.”
b) “Eles ficarão no Rio até a semana *próxima*.” (?)
- 80) a. “Essa é a *segunda* vez que o vejo.”
b. “Essa é a vez *segunda* que o vejo.” (?)
- 81) a. “*Vários* amigos compareceram à homenagem.”
b. “Amigos *vários* compareceram à homenagem.” (?)

Essa dupla colocação do adjetivo no português presta-se a marcar tanto nuances semânticas de uma mesma palavra quanto seu uso com valor estilístico, como nos exemplos abaixo:

- 82) a. “Ela é uma professora *boa*.”
b. “Ela é uma *boa* professora.”
- 83) a. “Ele é meu amigo *velho*.”
b. “Ele é meu *velho* amigo.”
- 84) a. “Arnold é um homem *grande*.”
b. “Arnold é um *grande* homem.”
- 85) “Você quer uma *nova* mulher ou uma mulher *nova*?”
- 86) a. “A menina de cabelos *negros* causava admiração.”
b. “A menina de *negros* cabelos causava admiração.”
- 87) a. “O criminoso escolheu a *próxima* vítima.”
b. “O criminoso escolheu a vítima *próxima*.”

- 88) “a. Você é a *primeira* razão da minha alegria.”
 b. “Você é a razão *primeira* da minha alegria.”
- 89) a. “Foram feitas *inúmeras* tentativas para libertá-lo.”
 b. “Foram feitas tentativas *inúmeras* para libertá-lo.”

Nos exemplos 82 a 85, pode-se perceber que o uso do adjetivo na colocação padrão, depois do substantivo, expressa o sentido geral da palavra: boa (x má); velho (x jovem); grande (x pequeno); nova (x velha), enquanto a colocação antes do verbo implica um sentido distinto do sentido geral: boa professora indica uma professora competente, que ensina bem; velho amigo indica um amigo de longa data, confiável; grande homem indica um home grandioso, valoroso; nova mulher indica uma mulher moderna, atualizada, com novas perspectivas. Os exemplos 86 e 89 opõem ao sentido geral do adjetivo na colocação padrão: cabelos negros (x brancos, louros etc.) e inúmeras tentativas (x poucas tentativas), o sentido enfático de suas variantes estilísticas: negros cabelos (cabelos negros belos, deslumbrantes), tentativas inúmeras (tentativas muito numerosas, em quantidade enorme). Os exemplo 87 e 88 opõem ao sentido geral, expresso pela colocação padrão dos adjetivos de localização e ordenação, antes do substantivo: próxima vítima (vítima seguinte, que vem logo depois); primeira razão (a razão que inicia uma sequência), um sentido diferente, expresso pela colocação depois do substantivo: vítima próxima (que estava mais perto, mais fácil de abordar); razão primeira (razão principal, mais importante).

Outra possibilidade que se abre pela dupla colocação do adjetivo no português, tendo a colocação depois do substantivo como padrão, é interpretarmos o primeiro elemento de uma série de adjetivos que podem ser substantivados como núcleo do sintagma (substantivo) e o(s) seguinte(s) como determinante(s) ou adjetivo(s), o que dá margem a um jogo sintático muito interessante, com várias implicações semânticas e estilísticas, como nos exemplos abaixo:

- 90) “Melhor do que contarmos com os trabalhadores *brasileiros* é contarmos com os brasileiros *trabalhadores*.”
- 91) “Quais são mais perigosos: os revolucionários *jovens* ou os jovens *revolucionários*?”
- 92) “Ela é uma leitora *fanática* ou uma fanática *leitora*?”
- 93) “Os negros *americanos* foram forçados a perceber que eram americanos *negros*.”

Vale a pena notar a precisão do exemplo 90, porque mais importante para a solução dos problemas brasileiros não é um trabalhador que se identifique como *brasileiro*, mas um brasileiro que seja efetivamente *trabalhador*. O exemplo 93, também de grande valor filosófico e retórico, dá conta da triste realidade dos negros *americanos* que eram vistos e tratados, no clima de discriminação e preconceito vigente antes dos anos 60, não como americanos, mas como *negros*, um povo à parte, maltratado e subjugado. Os exemplos 91 e 92 apresentam ironias cujo ponto de partida é justamente essa mobilidade do adjetivo no português: revolucionários *jovens* (os revolucionários que têm pouca idade) ou jovens *revolucionários* (os jovens que são revolucionários); leitora *fanática* (uma pessoa que gosta demais de ler, que lê muito e de forma abrangente); fanática *leitora* (uma pessoa que sofre de fanatismo e lê, provavelmente livros referentes ao objeto de seu fanatismo: religiões intolerantes, preconceitos, etc.).

4. GRAMÁTICA COMO REGRA

O ensino da gramática como *regra*, ou seja, o ensino de fatos gramaticais que não se baseiam nem no *sistema* da língua nem na sua *norma*, também não pode nem deve ser abandonado. A língua também é *convenção*, e esta convenção é importantíssima, tanto assim que o ressurgimento da gramática na Europa e o surgimento das gramáticas vernáculas (em línguas diferentes do latim ou grego) aconteceu devido a um problema prático e convencional: como representar a *escrita* dos novos sons surgidos nas línguas neolatinas e germânicas, com o advento da imprensa. Essas gramáticas, chamadas muito apropriadamente de gramáticas ortográficas, vieram pôr ordem no caos, sendo até hoje a função mais nobre da ortografia.

O ensino de regras ortográficas é importante primeiro pelo amor ao idioma e segundo pela empregabilidade do indivíduo. Quem gostaria de empregar para um serviço não exclusivamente físico uma pessoa que escreve: *referece* em lugar de *refere-se*; *dirijase* *aporta adireita* em vez de *dirija-se à porta à direita*; *ogum* e *oguma* em lugar de *algum* e *alguma*; *Gigele* e *Zizele* em vez de *Gisele*; ou que diz que usou as *mões* para fazer os *pãos*, em vez de usar as *mãos* para fazer os *pães*, ou que comprou uma *vicicreta* para dizer que comprou uma *bicicleta*, etc. É *preconceito linguístico de altíssimo grau* negar a essas pessoas *o direito a um português melhor*, instrumento de enorme

utilidade para seu *aperfeiçoamento e crescimento pessoal e profissional*.

Há regras de ortografia extremamente fáceis e abrangentes que deveriam ser ensinadas, como:

a) Em toda palavra que comece com a letra e seguida do som /z/, este som /z/ será escrito com a letra x, com duas únicas exceções: esôfago e esotérico (e seus derivados).

b) Toda palavra com o grupo fônico final /ez/, este será representado por és, com uma única exceção: dez.

c) A letra z e os dígrafos ch e ss não são usados depois de *ditongos decrescentes*, com exceção de *recauchutar* (e derivados), *gnaisse* e *gauss*.

d) A letra x só tem o som /s/ entre vogais nas palavras: *auxílio*, *máximo*, *próximo*, *sintaxe* e *trouxe*.

e) As terminações /ez/ e /eza/ são geralmente representadas com a letra s se houver variação de gênero (masculino x feminino) e com z se não houver esta variação, como em *marquês x marquesa*, *freguês x freguesa*, mas *vez*, *avidez*, *realiza*, *beleza*.

Outras *regras* que deveriam ser ensinadas são as regras de *colocação dos pronomes átonos*, principalmente quando se ensina português como língua estrangeira, visto que certas colocações comuns no português lusitano não ocorrem mais no português brasileiro, como é o caso das *contrações de pronomes átonos*, como *dou-ta*, *dê-ma*, *dê-lha*, etc., enquanto a *abertura de frase por pronome átono*, extremamente comum no Brasil, inclusive entre as pessoas cultas, como *me diga*, *me dá*, *te amo*, etc., é pouco aceitável no português lusitano.

Especial atenção deve ser dada, ao se ensinar português como língua estrangeira, à *concordância verbal e nominal*, principalmente levando-se em conta que no inglês a *concordância* é restrita a uns poucos casos, já que o verbo normalmente só tem *duas pessoas* (geral e 3ª pessoa do singular) e *os adjetivos não variam em gênero e número*, enquanto o português tem *vários tempos verbais* e uma *série de desinência verbais* (pessoais e modo-temporais), além das *desinências nominais* (de feminino e plural). Quanto à *concordância verbal*, devemos ensinar que há pelo menos *quatro pessoas verbais* correntes no português do Brasil (1ª pessoas do singular e do plural, 3ª pessoa do singular e do plural) e *cinco pessoas verbais* no português de Portugal, onde o pronome pessoal *tu* ainda é parte integrante do paradigma verbal e da fala do povo (sem falar no pronome pessoal *vós*, que ocasionalmente reaparece). Quanto à

concordância nominal, praticamente todo *determinante* (pronome ou adjetivo) varia em *gênero* e *número* no português e essas desinências, bem como a sua concordância, devem ser ensinadas.

Atualmente se condena o ensino de *listas de femininos e plurais irregulares* e de *coletivos* nas escolas, mas eles realmente existem e são usados cotidianamente, o que justificaria seu ensino. Além disso, o erro ao falar ou escrever palavras muito comuns é por demais visível e bem pouco aceitável. Muitos justificam esta lacuna no ensino dizendo que só devemos ensinar aquilo que é usado por todos, mas que impressão negativa nos dá uma pessoa que ignora o coletivo de peixes é *cardume* ou que o coletivo de estrelas é *constelação*, ou que não sabe fazer plurais extremamente comuns como *capitães* ou *mãos*, ou que desconhece formas de feminino corriqueiras como *alemã* ou *baronesa*. Esse conhecimento vocabular é parte do patrimônio imaterial de sua língua, de sua nacionalidade, e não lhe deve ser negado sob a desculpa que não será usado. De novo, temos um preconceito linguístico altíssimo disfarçado de inclusão social e justificando tanto a preguiça quanto a discriminação.

A ampliação do léxico e da capacidade linguística do indivíduo através de um bom ensino de língua portuguesa e de sua gramática, de suas normas e regras, amplia o grau de liberdade que este indivíduo pode alcançar. Palavras como *estética*, *coerção*, *simultâneo*, *intrínseco*, *polêmica*, *imputabilidade*, *onírico*, *genérico*, *nanotecnologia*, *síntese*, *insídias*, etc. são palavras operacionais e devem ser ensinadas para que o indivíduo saiba como organizar e trabalhar suas ideias e conceitos. Num momento histórico de valorização da inclusão e da liberdade, esse nivelamento por baixo da linguagem me faz lembrar a *metáfora do escravo* em *Satyricon*, cujo nome era *Trincha*: como ele era chamado apenas para trincar a carne e lhe era negada qualquer humanidade, o seu próprio nome era a ordem a ser executada. Parece-me que certos profissionais, na melhor das hipóteses equivocados ou na pior das hipóteses maliciosos e aristocráticos, desistem de sua obrigação moral e profissional e, sob o disfarce de facilitar a vida dos alunos, excluem o povo da vida intelectual da nação, que eles provavelmente consideram privilégio apenas das classes dominantes.

5. CONCLUSÃO

Como pudemos observar, através de várias reflexões e exemplos, o *ensino de gramática* continua sendo uma ferramenta fundamental para

o crescimento dos alunos e das nações. Ela nos mostra o *sistema linguístico* que organiza e possibilita, muitas vezes inconscientemente, nosso entendimento do que ouvimos ou lemos e a forma como nos expressamos por meio da fala ou da escrita.

Ela também nos mostra o valor da tradição e da história através das *normas* da nossa língua, que não derivam da necessidade, mas de escolhas que foram sendo feitas por gerações de falantes e se consolidaram na maneira como a língua é usada no cotidiano e na formação de nossa feição linguística particular.

Ela serve ainda para estabelecer um marco de estabilidade, através das *convenções* verbalizadas através de *regras*, dentro da realidade das línguas, sempre em mudança e sempre cheias de variações, a tão conhecida *unidade na diversidade*.

Se quisermos ser professores ou estudiosos da língua portuguesa que realmente contribuam para o conhecimento e o progresso de seus alunos ou nações, devemos nos valer deste instrumento precioso, a gramática, da mesma maneira nos valem de todos os outros instrumentos que usamos em nossos trabalhos ou pesquisas: com discernimento, com espírito crítico, com entusiasmo. Acreditamos que, se assim o fizermos, a *gramática* será um instrumento de *liberação e esclarecimento*, como todo *saber* digno deste nome.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo Cavalcante, 2014: *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 444 p.
- _____, 2009: *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 671 p.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso, 1985: *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.
- CELCE-MURCIA, Marianne, 1977: "Understanding and teaching the English tense-aspect system.", *English Teaching Forum*, Washington, 15, 4: 2-11.
- COMRIE, Bernard, 1978: *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. 2.ed. Cambridge: Cambridge University Press. 142 p.
- COSERIU, Eugenio, 1980: *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico. 130 p.

- CUNHA, Celso Ferreira da, , 2013: *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexicon. 762 p.
- GARCIA, Afrânio da Silva, 1988: *O verbo no português*. Rio de Janeiro: UFRJ. 347 p. (dissertação de mestrado – mimeo)
- GARCIA, Afrânio da Silva, 1996: *História da ortografia do português do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ,. 196 p. (tese de doutorado – mimeo)
- GUILLAUME, Gustave, 1968 : *Temps et verbe: theorie des aspects, des modes et des temps*. Paris: Honoré Champion. 134 p.
- HALLIDAY, Michael A. K, 1967-1968: “Notes on transitivity and theme in English”, parts 1, 2 & 3. *Journal of Linguistics*, London, 3, 1 (Apr. 1967): 37-81; 3, 2 (Oct. 1967): 199-244; 4, 2 (Oct. 1968): 179-215.
- LEECH, Geoffrey, 1979: *Meaning and the English verb*. 8.ed. London: Longman. 131 p.
- _____ & SVARTVIK, Jan, 1975: *A communicative English grammar*. London: Longman. 461 p.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha, 2010: *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio. 655 p.
- LYONS, John, , 1979: *Semantics*. 3.ed. Cambridge: Cambridge University Press. v. 2. 879 p.
- MATTOSO, 1985, cf. CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso.
- PALMER, Frank Robert, 1978: *The English verb*. 4.ed. London: Longman,. 268 p.
- PETERSON, Barbara A, 1970: “Towards understanding the “perfect” constructions in spoken English.” *English Teaching Forum*, Washington, 7, 1: 2-10.
- SAUSSURE, Ferdinand de, 2006: *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix. 280 p.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos, 2006: *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão verbal*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. 282 p.
- ZYDATISS, Wolfgang, 1978: “ ‘Continuative’ and ‘resultative’ perfects in English”, *Lingua*, 44. p. 339-362.